

Entrevista com Roxane Rojo

Multiletramentos, multilinguagens, novas aprendizagens.

GRIM: O que é o multiletramento?

Rojo: Há uma preocupação de que a juventude que está na escola pública está muito ligada nas mídias em geral, seja ela de massa ou sejam as digitais e a escola se mantém ignorando essas mídias desde os impressos do séc. 19. Então esse movimento que começou com um manifesto lá em 1996, nos Estados Unidos, de pesquisadores e professores americanos por uma Pedagogia dos Multiletramentos é justamente pensar que para essa juventude, inclusive para o trabalho, para a cidadania em geral, não é mais o impresso padrão que vai funcionar unicamente. Essas mídias, portanto, têm que ser incorporadas efetivamente, todas elas, tvs, rádios, essas mídias de massas, mas sobretudo as digitais incorporadas na prática escolar diária. Então, eles vão propor uma pedagogia para a formação, isso lá em 1996, portanto, já há muitos anos atrás. A ideia é que a sociedade hoje funciona a partir de uma diversidade de linguagens e de mídias e de uma diversidade de culturas e que essas coisas têm que ser tematizadas na escola, daí multiletramentos, multilinguagens, multiculturas.

GRIM: A gente pode dizer que as crianças aprendem com a mídia, e o que elas aprendem?

Rojo: Tudo. Essa semana saiu no Facebook, um menininho pequenininho, 1 ano e 8 meses, que treinado pelo pai, claro, consegue fazer várias coisas no Ipad. É impressionante o que se faz com essas telas de toque que são mídias intuitivas. Eu vejo pelos meus netos, um deles está com sete anos agora e podemos dizer que ele se alfabetizou no Iphone, no celular, ele faz tudo no Ipad e nem por isso ele deixa de ser leitor de Monteiro Lobato, de “Caçadas de Pedrinho”. Então eu acho que é uma geração, essa geração que eu chamo de Z, que vem depois da Y e tudo mais, está aprendendo interativamente com o tablet, com o celular e não necessariamente na escola, o que cria um problema maior ainda pra escola.

GRIM: Uma escola que favorece os multiletramentos em sala de aula está formando que tipo de aluno?

Rojo: Quando esses os pesquisadores falam de uma pedagogia dos multiletramentos, eles pensam que, em primeiro lugar, a escola deveria partir do que a gente chama de repertório, e eles chamam de mundo de vida do aluno, ou seja, da cultura local que esse aluno traz pra sala de aula que deve ser, não só valorizada, mas incorporada no tratamento do objetos de ensino. Quer dizer, isso também é uma coisa a refletir, coisas que ele vê na mídia de massa, o que ele faz na internet e tal é para ser trazido para colocar em diálogo. Não é que a escola deva abandonar seu patrimônio também, com aquilo que a escola tem de bom a trazer para enriquecer isso, mas visando o que eles chamam de um projeto de futuro, de design de futuro. Ou seja, pensando na questão da formação para o trabalho, para a cidadania, para a vida pessoal, enfim. Então, portanto, funcionar, primeiro colaborativamente, segundo “protagonistamente” implicaria em uma pedagogia de projeto e não em uma pedagogia de conteúdos. É necessário mesmo fazer uma revisão curricular, um pouco na linha em que o MEC, muito timidamente e desorganizadamente, está tentando incentivar agora com essa proposta de revisão do currículo do ensino médio.

GRIM: A pedagogia dos multiletramentos rompe com essa apartação que existe entre o mundo vivido pelas crianças e jovens e o mundo da escola? Como a gente pode juntar esses dois mundos?

Rojo: É, essa é a ideia da Pedagogia dos Multiletramentos. Quer dizer, formar os professores para que eles consigam trabalhar de outra maneira, saindo da lógica do século XIX, da educação transmissiva, do patrimônio que eles têm a transmitir e etc e pensem um pouco no funcionamento da vida social contemporânea. Então eu acho que é basicamente uma questão de prover materiais adequados aos professores, que nós não temos ainda. Nós temos equipamentos, mas não como em algumas escolas, nós não temos conexões nem materiais. Do ponto de vista da educação, eu acho que isso é um investimento sério, importante e urgente. E prover formação, porque como ele (professor) é de outra geração, ele fica muito receoso de entrar nessa seara e de ver a escola como um lugar que possa alterar sim. Você tem algumas tentativas de algumas escolas, uma escola da Rocinha no Rio de Janeiro, em São Paulo tem uma no Butantã, tem o modelo da escola da Ponte, a Escola Sem Paredes. Então ainda que não tenha muita digitalização funciona de uma maneira um pouco mais colaborativa, que já é meio caminho andado.

GRIM: Quando a Sra fala em formação do professor, então isso tem que começar ainda dentro da Universidade? A Universidade também precisa incorporar isso?

Rojo: Claro que sim, isso é uma verdade. Mas eu sou muito descrente, eu acho muito mais fácil isso acontecer em formações continuadas, posteriores, em serviço, do que acontecer na Universidade. Eu acho que a Universidade acaba sendo um lugar mais conservador, mais tradicional, mais do que o professor é tradicional na escola básica. Embora eu trabalhe na Universidade, eu não espero muito, sou meio descrente. Eu acho mais fácil de funcionar em atuações como essa do grupo aqui, do grupo de vocês, em formações continuadas de professor. Os próprios professores universitários não são usuários, na sua grande maioria.

GRIM: Como as experiências que envolvem práticas de multiletramentos estão sendo possíveis nas escolas Brasil afora?

Rojo: A gente tem pouco levantamento, esse livro “Multiletramento na escola”, de certa maneira, é um microlevantamento de coisas que foram testadas, ele vendeu muito, os professores gostaram muito, usaram bastante. Acho que tem carência disso, de propostas que eles possam usar. Evidente que não dá para o professor pensar e montar coisas desse tipo, ele tem num sei quantas hora-aula na sala de aula, ele tem que ter um suporte para isso. Não temos levantamento de experiências de incorporação, sobretudo do digital. O que eu sinto muito em palestras e formações é que há uma adesão muito grande do professor, embora ele diga: “eu tenho dificuldade, eu não sou usuário”, ele adere a essa ideia de que ele precisa incorporar isso à prática. Então se a gente tivesse boas formações, eu acho que seria um movimento natural e uma discussão mais séria das revisões curriculares que está se pensando em fazer, seria um momento também.

GRIM: Qual a contribuição do seu mais recente trabalho “Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs” para ampliar a compreensão das novas formas de aprender?

Rojo: Ele, de certa maneira, é um aprofundamento, uma continuidade do “Multiletramento na escola”, ele foca mais especificamente os multiletramentos digitais, os novos letramentos, ou seja, ele desloca para a mídia digital. Essa parece ser a grande curiosidade do professor e, também é direcionado ao professor, principalmente, e não aos pesquisadores, não é um livro acadêmico, mas ele dá um volta no parafuso, digamos assim, do ponto de vista teórico. O “Multiletramento na escola” tinha muita proposta de atividade prática e esse outro traz mais análises dos gêneros que estão circulando, das ferramentas, que são próprias do digital.

* **Currículo Lattes:** Roxane possui graduação em Letras Neolatinas Português-Francês/Língua

e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1974), mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981) e doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989). Fez estágio de Pós-Doutorado em Didática de Língua Materna na Faculté de Psychologie et Sciences de l'Education (FAPSE), da Université de Genève (UNIGE), Suíça, sob a direção do Prof. Dr. Jean-Paul Bronckart. Atualmente, é professora livre docente (MS5-1) do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas e pesquisadora 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: (multi)letramentos, gêneros do discurso, ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e avaliação e elaboração de materiais didáticos.